

Nota de apresentação

Com bastante atraso, vem agora a público um volume que reúne 12 das 26 comunicações apresentadas no colóquio *Agostinho Neto e os Prémio Camões africanos*, realizado na Faculdade de Letras do Porto a 9 e 10 de setembro de 2019.

Cumpriam-se então 40 anos da morte do poeta e estadista a quem coube desempenhar as funções de primeiro Presidente de Angola. Com esse pretexto, visava o colóquio dois grandes objetivos: por um lado, celebrar Agostinho Neto como figura maior das literaturas africanas – e não apenas das de língua portuguesa, como aliás a circulação e a receção da sua poesia facilmente o comprovam; por outro, discutir a sua eventual ligação com os Prémio Camões africanos. Relativamente a esta última parte, tratava-se de responder a perguntas como: Que disse ou diz a obra de Neto a esses autores? Que portas terá ela ajudado a abrir? Além disso, pretendia-se questionar, não tanto o prémio, mas a sua mecânica, avaliando a razoabilidade de, em 31 edições, ter contemplado apenas seis escritores africanos¹: dois moçambicanos (José Craveirinha, em 1991, e Mia Couto, em 2013); dois angolanos (Pepetela, em 1997, e Luandino Vieira, em 2006); e dois cabo-verdianos (Arménio Vieira, em 2009, e Germano Almeida, em 2018). Por último, era intenção da organização pensar sobre a crescente invisibilização da literatura africana (particularmente a de língua portuguesa) no nosso país, tanto mais estranha quanto vai na contramão do discurso oficial e de programas como o Plano Nacional de Leitura.

Os textos agora reunidos não satisfazem totalmente esses objetivos. Não obstante, creio que assinalam condignamente a passagem do 40.º aniversário da morte de Agostinho Neto, levando também em conta a dimensão da figura histórica e do estadista. Alguns deles discutem com argúcia o Prémio Ca-

¹ O número subiu entretanto, com a distinção atribuída a Paulina Chiziane.

mões e analisam a sua repercussão, ao passo que outros estudam com finura e inovação aspetos das obras de alguns dos seus premiados africanos.

Apesar dessas limitações, creio que o volume tem relevância, no seu conjunto e nos textos críticos que o constituem. Mas a sua maior importância decorre da circunstância de ele assinalar a fundação, na FLUP, da Cátedra Agostinho Neto, a segunda criada pela Fundação Dr. António Agostinho Neto. Símbolo de um tempo novo que certamente ajudará a normalizar e a aprofundar as relações entre Portugal e Angola, esta iniciativa constitui, tanto quanto julgo saber, o primeiro exemplo de uma cátedra instituída por uma antiga colónia numa antiga metrópole. Poderíamos certamente dizer que *The empires fights back*. Mas, mais do que isso, trata-se de um sinal de que *A voz igual* deixou de ser apenas uma referência literária.

Como seria de esperar, a iniciativa não foi consensual, nem interna nem externamente. Há pouco mais de quarenta anos, na sua coluna do *Expresso*, escrevia o atual Presidente da República português, a propósito da morte de Agostinho Neto:

Talvez suceda que a História, tal como já aconteceu em muitas das outras vezes, não dê razão a nenhuma das visões extremadas de Agostinho Neto. Não dê razão àqueles que dele têm uma imagem que quase atinge o panegírico fácil e de conveniência ideológica. Nem dê razão àqueles que dele têm uma imagem que quase atinge o ódio vesgo, por conveniência ideológica.

É possível que ainda não tenhamos atingido, pelo menos em Portugal, esse ponto de equilíbrio. Esperemos que este volume possa representar um pequeno passo nesse caminho.

Francisco Topa